3 1761 07152565 3

Leite de Vasconcellos Pereira
de Mello, Jose
Memorias de Mondim da Beira

DP
802
M6L42

MEMORIAS

DE

Mondim da Beira

(para a historia
do extinto concelho d'este nome)

PLANO

PELO

D.or J. LEITE DE VASCONCELLOS

∴ ∴ ∴ ∴ COIMBRA ∴ ∴ ∴ ∴
Tipografia Coimbra-Editora, Limitada
∴ ∴ ∴ ∴1922 ∴ ∴ ∴ ∴

MEMORIAS DE MONDIM DA BEIRA

(para a historia do extinto concelho d'este nome)

PLANO

Hic amor, haec patria est.

Vergílio, *Eneida*, IV, 347.

Desejando aceder ao amável convite que recebi para mais uma vez colaborar num congresso beirão, porém não podendo, neste momento, enviar trabalho extenso, vou aqui esboçar o plano de um estudo que preparo acêrca do antigo concelho de Mondim da Beira, minha pátria, estudo para o qual possuo abundantes apontamentos e notícias, que em parte devo à dedicação de alguns amigos, entre outros, o Rev. Vasco de Almeida Moreira, ilustrado Abade de S. João de Tarouca, e os meus conterrâneos José António Lopes Ribeiro (agora já falecido) e Américo Isidro Augusto de Azevedo.

Numa Introdução dir-se há que por «concelho de Mondim da Beira» se entende aquele que existia em 1896, data da extinção, e se compunha das seguintes frèguesias e povoações:

1. Almofala, com Bostelo;
2. S. João de Tarouca, com Pinheiro, Couto, Vilarinho, e Vila Chã do Monte;
3. Mondim (dividido em de Cima e de Baixo (1), com Almodafa;
4. Ucanha, com Valdavez;
5. Salzedas, com Murganheira, Vila Pouca, Cortegada e Meixedo;
6. Cimbres (nome escrito erradamente *Simbres*);
7. Vila Chã de Cangueiros;
8. Granja-Nova, com Formilo.

Á introdução seguir-se hão os seguintes livros ou partes:

LIVRO I. **Geografia do concelho de Mondim.**

Confins do concelho. — Caracter montanhoso do terreno. — Rios. — Produções agrárias mais importantes. — População em 1896.

Livro II. **Historia geral do territorio.**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY DEC 19 1979

A. Tempos pre-romanos:

Objectos da idade da pedra e do bronze. Castro sobranceiro a Mondim, entre esta frèguesia e a de Pàçô.

B. Época romana:

Vid. o castro mencionado acima, o qual durou até esta época.

Cerâmica e Numismática.

Construção de tijôlo aparecida em Mondim de Cima.

C. Germanos e Arabes:

Da época dos Germanos não conheço objecto ou monumento algum. Apenas um éco longínquo se encontra em nomes de povoações que aparecem posteriormente na história: o próprio nome *Mondim* (2), e bem assim, pelo menos, *Formilo* (3), e *Berufe* ou *Brufe* (4), nome de uma quinta, ao pé de Mondim.

Dos Árabes só restam notícias também em nomes de povoações: *Almofala* (5) e *Almodafa* (6). Compreende-se que, tendo êsse povo dominado na vizinha Lamego, cidade tomada por Afonso III das Astúrias, que reinou de 866 a 909, embora depois outra vez perdida, o domínio arábico se estendesse em volta, e d'êle ficassem alguns vestigios.

DP 802 M6L42

D. Época astúrico-leonesa:

Podem datar desta época as povoações em que entra a palavra romano-medieval *villa*, «quinta», comum às citadas *Vila Chã de Cangueiros*, *Vila Chã do Monte*, *Vila Pouca*, com as quais se relaciona *Vilarinho*, deminutivo de *vilar*. A palavra *Mondim* faz, pelo seu lado, pressupor *(villa) Mondini*, «quinta de um indivíduo chamado *Mondinus*» (7). *Berufe* ou *Brufe*, que tem a forma *Berufi* em um doc. do séc. XIII, está igualmente por (*villa*) *Berufi* «quinta de um indivíduo chamado *Berufo* (mais antigamente *Berulfo*)».

E. Época portuguesa propriamente dita:

É do séc. XII a fundação dos conventos cistercienses de Salzedas e S. João de Tarouca. Do séc. XIII temos um documento em que se fala da *hereditate de Mondini*. No séc. XV construiu-se a torre da Ucanha. Mas isto são assuntos mais pertencentes ao Livro III. O concelho de Mondim já existia em 1517, ano em que D. Manoel lhe deu foral (20 de Agosto); contudo

nem sempre teve a extensão que acima se indicou, pois em 1812 pertencia Vila Chã do Monte ao de Sever, e em 1828 pertencia Cimbres ao de Tarouca; além disso com o concelho de Mondim coexistiu muito tempo outro, que tinha Ucanha por capital, já em 1574. Em 1828 o concelho de Ucanha compunha-se da Ucanha (vila), Granja Nova, Salzedas, e Vila Chã de Cangueiros, ao todo com 2:385 habitantes, enquanto o de Mondim constava apenas de Mondim (vila), S. João de Tarouca, ou Burgo, e Almofala, ao todo com 1:482 habitantes. Diz Pinho Leal, v, 398, que o concelho da Ucanha se fundiu em 1837 com o de Mondim; mas já na *Organização* dos distritos, de 1836, a Ucanha figura como um «antigo concelho» que fazia parte do de Mondim. Nas *Táboas*, com a «relação entre as medidas de sólidos e líquidos», Pôrto 1843, pág. 17, fala-se ainda do «concelho da Ucanha», porque creio que o autor se reporta ao passado.

O concelho de Mondim, como já se disse, foi extinto em 1896 (decreto de 26 de Junho).

A par com o *concelho* de Mondim e Ucanha havia *julgados* com os mesmos nomes. Um documento de 1689 diz que a vila da Ucanha tinha dois juízes ordinários, vereadores e procurador, mas num *Diccionário estatístico* da 1.ª metade, talvez, do séc. XIX, dá-se à Ucanha sòmente um juiz ordinário. O julgado de Mondim, que possuia um juiz ordinário, um sub-delegado, dois escrivães, dois oficiais de diligências, e um carcereiro, foi extinto em 23 de Dezembro de 1873.

Livro III. **Historia de cada frèguesia em particular.**

As povoações mais importantes do concelho eram:

Mondim, por ser a séde (e séde também, como se disse, de um julgado até 1873), e aí haver um pelourinho do séc. XVIII, ainda actualmente, como penso, conservado (*Mondim* chamou-se muito tempo, familiarmente, *das Meias*, mas já em 1862, pelo menos, se chamava *da Beira*);

Salzedas e *S. João de Tarouca*, por causa dos seus notáveis conventos e igrejas (na de S. João restam paineis muito valiosos); Salzedas teve foral em 1504;

Ucanha, por ter sido séde de outro concelho (e julgado), e aí existir a torre de que acima se falou, — torre posta à entrada do antigo *couto* de Salzedas. Também na Ucanha havia um pelourinho, que só há poucos anos se destruiu; quis já por vezes reconstruí-lo à minha custa (pois que a Ucanha é o meu berço), porém não puderam encontrar-se os fragmentos.

De Mondim para o Sul, com excepção, talvez, de Almofala, mas com inclusão da própria *Mondim*, o concelho formou-se principalmente do mosteiro de S. João de Tarouca (erradamente mencionado a cada passo pelos autores como

« convento de Tarouca »). De Mondim para o Norte formou-se do mosteiro de Salzedas. A frèguesia de Almofala fica na serra, e pelos seus costumes (*casas de colmo, capuchas, canastros* ou espigueiros para os cereais), e pelo seu viver arcaico e patriarcal, constitue um rincão à parte, mais do domínio da Etnografia, do que do da Historia. Os *Serranos* (era assim que no concelho os conheciam) só acordavam para a vida histórica, quando o fisco lhes batia à porta, ou em ocasião de eleições, em que iam para a urna, congregados e guiados pelo seu Pároco. Ainda me lembro de, nos meus tempos de rapaz, os ver entrar pela rua principal, quási única, de Mondim de Baixo, tamancando desordenadamente na calçada, de capucha na cabeça, às vezes, por cortesia, descaida para as costas, e varapáu na mão direita, com o Sr. P.e Bento a cavalo à frente do rancho.

De alguns nomes de povoações do concelho de Mondim, além dos que vão estudados em notas, póde dar-se a explicação etimológica, certa ou provável; outros são de origem obscura.

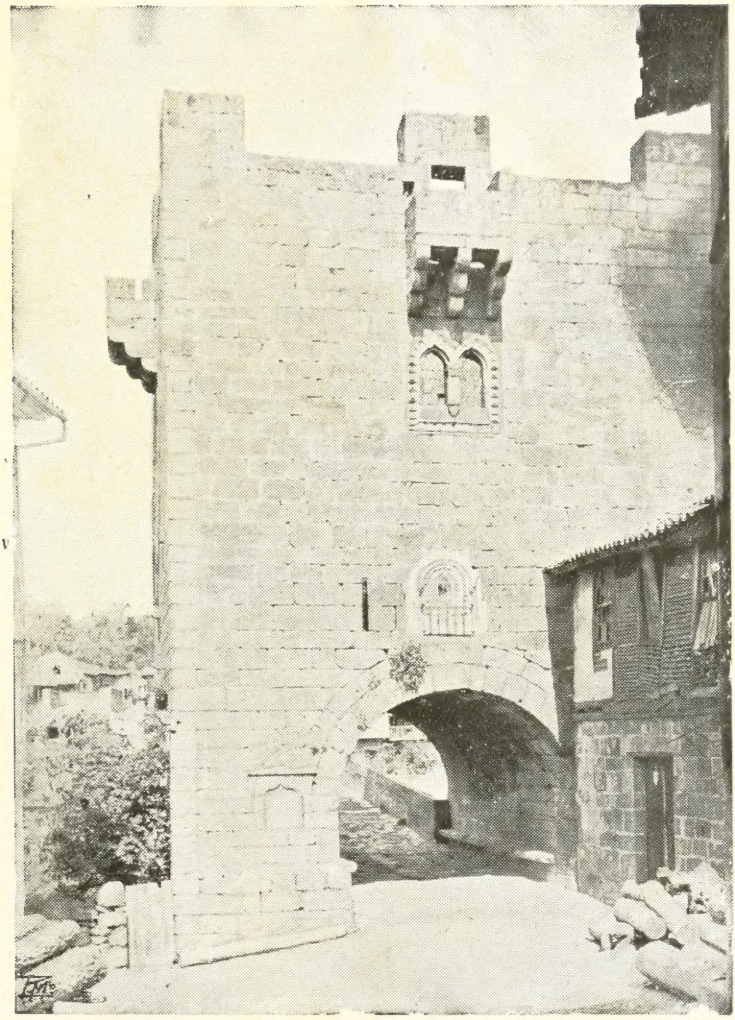
1. *Bostelo*, deminutivo de *busto*, no sentido de « terreno de pastagem de gado ». Cf. Viterbo, *Elucidário*, s. v. « bostelo ».

2. *Cangueiros* (Vila-Chã de). A palavra *cangueiro* aplica-se como adjectivo a *boi*, no sentido de « boi que trabalha com *canga* », por oposição a « gado de jugo » (Beira Baixa). Os de Rèsende chamam *Cangueiros* por zombaria aos de Baião, que aqui, na serra, põem cangas aos bois. Em Vila-Chã de *Cangueiros* póde *Cangueiros* ser também uma alcunha étnica, ou então, o mais provável, representar uma indústria desaparecida (*cangueiro* « o que faz cangas », o mesmo que *jugueiro* no concelho da Feira), pois hoje usam-se lá *jugos* e não *cangas*.

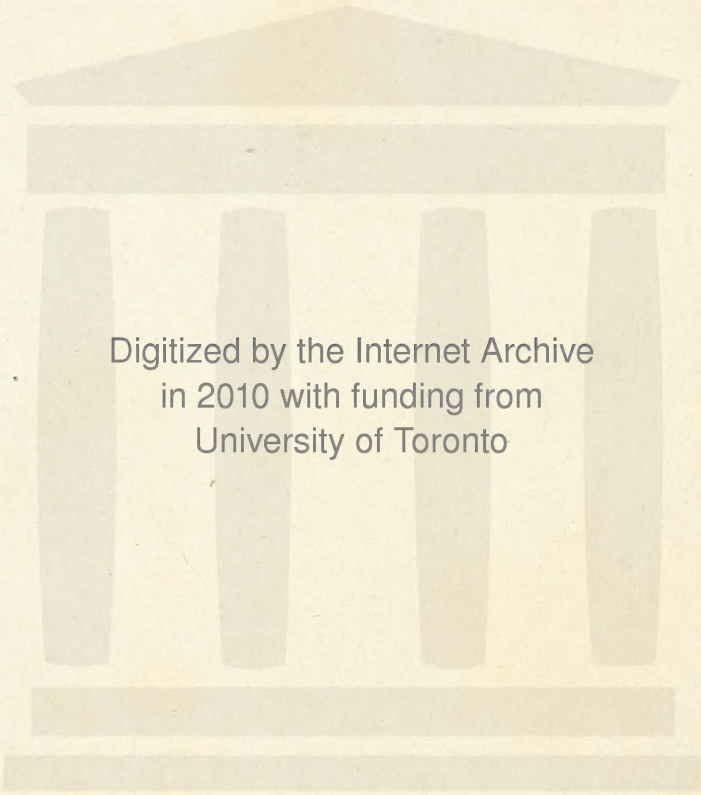
3. *Cimbres*, nome que no sec. XVI se acha escrito com *C*, e não com *S*, como hoje muitos escrevem. Talvez não seja mais que a palavra comum *cimbre* « arcaria que serve de molde à abobada » (Morais). Na origem *os cimbres*. — Ninguém deve pensar no nome étnico *Cimbri* « os Cimbros », povo antigo do N. da Europa, como faz o Ab.e de Miragaia, *Tentativa*, III, 265. Há uma cantiga popular que chama Feiticeiras às mulheres de Cimbres: já nos meus *Dictados Topicos*, § 58.

4. *Cortegada*, palavra evidentemente relacionada com *cortex* « cortiça », como já diz o Ab.e de Miragaia, *ob. cit.*, p. 275, e J. J. Nunes, *A vegetação na toponimia*, p. 19. Na Galiza ha também várias terras com o mesmo nome. O étimo imediato é *corticata*, cuja significação não me parece fácil averiguar, pois mais de uma hipótese póde propor-se. Já na antiguidade *Corticata insula* na Cantabria, e *Corticata* na Betica.

5. *Couto*. Primitivamente o couto do mosteiro de S. João de Tarouca devia ser muito extenso. A actual povoa-



Torre da Ucanha


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/memriasdemondi00vasc

ção, que fica proxima do local do mosteiro, é, pelo seu nome, um ténue resto do poderio antigo.

6. *Granja-Nova.* A palavra *granja* veio de França (francês antigo *grange*) para Portugal, certamente com as ordens monásticas. O vulgo, por etimologia popular, diz *Igreja-Nova.* Ao pé de Mondim de Baixo há uma quinta que era dos frades de S. João de Tarouca, e se chama *Granjão* (palavra aumentativa de *granja*).

7. *Meixedo.* Evidentemente por *Ameixedo*, terreno de ameixeiras: cf. o que escrevi no *Archeologo*, XXII, 30.

8. *Murganheira.* Conquanto haja uma planta chamada *murganheira*, a *Euphorbia Lathyris* dos botânicos (vid. Coutinho, *Flora*, p. 385), creio que o nome da terra de que estou falando provém de *murganho*, espécie de rato (vid. Seabra, *Mammiferes*, §§ 16-18), pois há na toponímia portuguesa não só *Murganhos*, quinta em Rèsende (o mesmo nome, creio, que *Murganios*, no século XIII: *Arch. Hist. Port.*, IV, 41), *Morganinhos* ou *Murganinhos* no século XV e XVI, também em Rèsende (G. Pereira, *Pergaminhos da Univers.*, p. 105 e 83), quinta de *Murgonhos*, em Mesãofrio, sec. XVI (A. de Azeredo, *Azeredos de Mesãofrio*, Porto, 1914, pág. 15), e herdade dos *Murganhos* em Montemór-o-Novo, mas há *Murganhal* em Oeiras e Sintra. Como ilustração, acrescento que sei de outra terra com o nome de *Murganheira* em Alenquer e Arganil. *Murganheira* deve ter significado «ninho de murganhos», e *Murganhal* um local em que há várias murganheiras, ou onde aparecem muitos murganhos.

9. *Salzedas.* Em documentos antigos o nome d'esta terra é muitas vezes *Salzeda*, e também *Cerzeda* e *Cerzedas* etc., por confusão com outro de som semelhente, mas onde o étimo pede *C.* Quando os livros de Linhagens falam da fundadora do mosteiro, dizem: «minhana Dona Teresa Afonso, que fez o mosteiro da *Çalzeda*», p. 192, etc. Hoje, e já há muito tempo em documentos, diz-se *Salzedas* ou *as Salzedas.* O étimo está no latim *saliceta*, de *salex* «salgueiro», e quer dizer terreno ou terrenos de salgueiros, o mesmo, pouco mais ou menos, que salgueiral ou salgueirais. Vid. o que escrevi na *Rer. Lusitana*, I, 46-50.

10. *Ucanha.* Com que ânsia não buscaria eu conhecer a história do nome do meu berço? Contudo, se cheguei a algum resultado, não atingi todo o meu *desideratum.* A fórma antiga do nome, usada até o século XVII, foi *Cucanha*; neste século ora se escrevia *Cucanha*, ora já *Ucanha.* De *Cucanha* veio *Ucanha* por dissimilação e eufonia. *Cucanha* aparece mais vezes na toponímia. Há um *casal da Cucanha* na frèguesia de Santa Cruz do Douro, concelho de Baião (d'onde nasceu um apelido: *João Cucanha*); há um sítio *da Cucanha* na frèguesia de S. Tomé, do mesmo concelho; um povo de nome *Cucanha* junto à Serra da Gralheira; um sítio, também assim

chamado, no termo do Rio Torto (Valpaços); uma herdade da *Cucanha* em Extremós. Em Oviedo há *Cocaño*, que não sei se se ligará com isto. Na língua familiar de Trás-os-Montes (Chaves) é expressão muito usada, para indicar modestamente a posse de uma propriedade de pouco valor, com um casebre: «vou à minha *cucanha*». A uma pessoa de idade, de Chaves, ouvi também: «fiz uma *cucanha* («casuca» ordinária) para me recolher». Numa *cucanha*, cardanho coberto de colmo ou de «fento» (alguma melhor coberta de telha) se recolhem crias, ou a gente, quando chove. Em S. Lourenço (Chaves) definiram-me *cucanha* «casita rôim» (ditongo com acento no *ô*). Em Valpaços ouvi chamar *cucanha* a um casebre em ruínas (por extensão de significação), e também lá dizem: «quer vir à minha *cucanha?*». A um campónio de Mosteirô de Cima (Valpaços) ouvi que «*cucanha* é uma propriedade ruinzita, sem valor, ou sem casa, ou um casebre», e êle acresceutou: «tenho muitas até, mas tenho uma principalmente». Aqueles terrenos para ali são fracos, como é sabido, e por isso não se estranha a linguagem do meu interlocutor. Quando há umas poucas de *cucanhas* juntas num sítio, dizem d'êste: às *cucanhas*, isto é, onde estão as *cucanhas*. Outros exemplos colhi do uso de *cucanha*, mas basta o que fica dito para mostrar que *cucanha* deve ter significado «casebre» em português antigo, e que a palavra está hoje ou esteriotipada em topónimos, ou circunscrita em alguns lugares de Trás-os-Montes. A *Cucanha* de Extremós talvez fôsse importada de outra província. Em Bragança ouvi dizer a várias pessoas porém *cucáina*, na mesma acepção de *cucanha*. A povoação da *Ucanha* seria pois na origem uma *cucanha*, que com o tempo se desenvolveu, até se tornar vila, em seguida outra vez contudo decaída!

11. *Vila-Pouca*. Acêrca da significação de *vila* (lat. *villa* vid. supra. *Vila-Pouca* quer dizer «quinta pequena».

Livro IV. **Dispersão do concelho.**

Com a extinção do concelho em 1896 passaram as suas frèguesias para concelhos vizinhos: Armamar, Tarouca, e Castro Daire. A parte leonina coube a Tarouca, que assim satisfez inveterada ambição!

*

O concelho tinha anais antigos, como acima se viu. As povoações, mau grado rivalidades pequenas e efémeras (entre Mondim e Salzedas, e entre Mondim de Cima e Mondim de Baixo), pois sempre em toda a parte as há semelhantes, viviam contentes na sua unidade. O Ministro João Franco, em um momento de braveza, desfez tudo isto. Mas, se o tirano destruiu o concelho, eu espero com a minha modesta monografia restaurá-lo, ao menos, històricamente!

Á monografia seguir-se há um Apêndice com documentos e outras notícias.

NOTAS

(1) Antigamente, até, pelo menos, o séc. XVII, em vez de *Mondim de Baixo* dizia-se *Mondim de Fundo*. Cf. o meu *Livro de Esopo*, vocabulário, s. v. «fundo».

(2) Vid. o cap. D.

(3) Por *Fromirus*, palavra hipotética, que póde considerar-se composta de *fraes* «alegre, contente», e *mirus*, por *merus*, «grande». Há outro lugar em Portugal com êste nome. E seu genetivo *Formil*, isto é, *Fromiri*, nome de um lugar em Tras-os-Montes. Os nomes germânicos acabados em *mirus* estão entre nós representados, ora por nomes em *milo* (feminino *mila*), ora por nomes em *mil*. Cf., além dos mencionados:

Gamilo-Gamil, de *Galamirus*;
Ramilo-Ramil, de *Ranimirus*;
Romila-Romil, de *Rugimira*, *Rugimirus*;
Armilo-Armil, de *Armirus*, etc.

(4) Vid. infra.

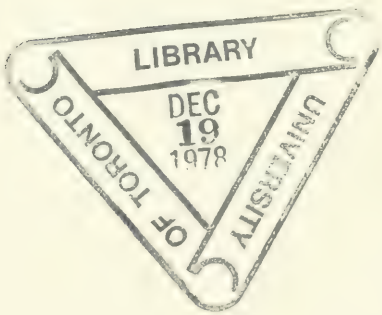
(5) *Almofala* quer dizer em árabe «arraial militar», «acampamento». Em Hespanha há tambem terras com o nome de *Almoha'la*, palavra fonéticamente correspondente à nossa.

(6) De *Almodafa* não posso indicar o étimo, mas é palavra que me parece árabe pelo seu elemento formativo *mo*, junto com *al* (*Al-mo-dafa*).

(7) *Mondino* (aportuguesamente) ou *Mondinus* (alatinamento medieval, a par de *Mundinus*), vem de uma palavra germânica, representada em alemão moderno por *Mund* «protecção», «tutela», a que se juntou o sufixo deminutivo-hipoceristico *ino*. A palavra *Mund* ou *mund* está também representada em muitos nomes de terras acabados em *monde* (ou *munde*, *monda*, por ex.: *Semonde*, de *Segemundi*; *Freamunde*, de *Fridamundi*; *Reçamonda*, feminino de *Recemundus*. Cf. Pedro de Azevedo na *Rev. Lusit.* VI, 51. Há em Portugal outras terras e sítios com o nome de *Mondim*; na Galiza e nas Astúrias *Mondin*. O feminino *Mondiña*, como nome geográfico, aparece tambem na Galiza. Isto prova que *Mondinus* ou *Mondino* era nome corrente na idade-média: os nossos documentos citam-no várias vezes, ou nessa fórma, ou na de *Mundinus*, como consta do *Onosmatico* de Cortesão. Acêrca de *mund* vid.: D'Arbois de Jubainville, *Langue des Frances*, p. 85, 92 e 106 e 109; Meyer-Lübke, *Altportugiesische Personennamen*, I, 40. Acêrca do suf. *ino* vid.: Mowat, *Noms propres*, p. 34 e 48; Salvioni na *Romania*, XXXV, 209-210 e nota; Muret, ibidem, XXXVII, 25, ss.; Schwab, *Nomina propria Latina* (p. 723); Meyer-Lübke, *op. cit.* I, 96, e II, 57; em grego, Pape, *Wb. der gr. Eigennamen*, I, p. XXI. O nome de homem *Mundinus* está representado em Italia, como apelido: *Mondini*, restaurador da Anatomia em Bolonha no séc. XIV, como diz o D.or José Fructuoso Ayres de Gouvea Osório, nas suas *Notas para a hist. da Medicina em Portugal*, Porto, 1860, p. 11; *Tomaso Mondini* (El Goffredo del Tasso, canti alla barcarola, Veneza 1693); *Sal. Mondini*, *Raffaello Mondini*, *E. Mondini*, escritores do actual século. O apelido italiano *Mondini* não está porém em genetivo, como as nossas *Mondins*, mas no nominativo do plural. Por curiosidade notarei que tenho conhecido em Portugal indi-

víduos com o apelido de *Mondim*, tirado do nome geográfico. Em volta de Lamego há outras terras cujos nomes terminam em *-im*, como *Ferreirim*, *Lalin*, *Lazarim*. Os antigos etimologistas, que eram extranhos ao método glotológico, só recentemente aplicado, viam fantasticamente na terminação o nome de um rei arábico *Huin*, mas êsses nomes são outros tantos genetivos medievais análogos a *Mondini*. Já o Abade de Miragaia, que por acaso acerta, explicou, e bem, *Lazarim* por *Lazarinus* na *Tentatura*, III, 441, isto é, *Lazarini*. Para *Lalim* temos já no séc. X *Lalini*, como nome geográfico: pressupõe o nominativo *Lalinus*, isto é, *Lallinus*, cognome romano, que aparece na epigrafia na fórma *Lallinâ*, feminina (a base está noutro cognome *Lallus*, cujo feminino se lê no *Corpus*, II, 2749, - palavra certamente relacionada com o verbo *lallare*). *Ferreirim* explica-se por um derivado do *nomem gentilicium* latino *Ferrarius*, que tem hoje como feminino português *Ferreirinha* em vários lugares e quintas da Beira. Relacionado com o tema de *Mondim* deve ser *Mondellos*, nome de outro lugar da Beira, e *Mondelo*, nome geográfico do séc. XIII. E' por causa das duas últimas palavras, da terminação supra-mencionadas *-monde* (e variantes), de *Monderico* (ou *Mondvrigo*), n. de homem dos secc. X e XI, e da fórma medieval *Mundinus*, que relaciono *Mondim* com o germânico *Mund*, e não com o gentilício romano *Mondius*.

Lisboa, 10 de Junho de 1922.


LIBRARY
DEC
19
1978
UNIVERSITY OF TORONTO

Separata do BOLETIM
do Congresso Beirão.
n.º 3 : : Coimbra, 1922

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DP
802
M6L42

Leite de Vasconcellos Pereira
de Mello, Jose
Memorias de Mondim da Beira

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 06 07 01 007 3